



O THEATRO DE LA SCALA VISTO INTERIORMENTE.

MILÃO é uma cidade magnífica, edificada, para assim dizer, em meio do mais bello jardim, porque os campos que a circumdam, attrahindo a vista, ostentam as riquezas da vegetação e o esplendor da natureza. — Eis a composição desta grande capital da Lombardia, sujeita agora ao dominio da casa d'Austria: 130:000 habitantes, 4:800 casas, 230 igrejas e capellas, 130 escolas publicas, 90 conventos, 30 hospitaes, uma forte cidadella e 6 bastiões, comprehendido tudo n'um circuito de 5:500 toesas, sobre o Olona, tendo por meio de dois canaes navegaveis communição aberta com os lagos Maior e de Como por uma parte, e com o rio Pó por outra. — Esta cidade em todos os pontos de comparação é um diminutivo de Paris. Possui manufacturas de obras de ourives, de aço, de alabastro, fábricas de armas, de bronzes, de dourados, tecidos de sêda e d'algodão, de cortumes, de chapéus, de pannos, de chocolate, de obras em cêra, de avelorios, de vidros, de papel, de faiança, de agua de colonia, &c. &c. Os instrumentos de mathematica e astronomicos, que nella se fazem, são mui perfeitos e de admiravel mão d'obra: quanto ás artes liberaes, ás de talha, de gravura e outras, tem os seus artistas poucos rivaes na Europa. — Em tempos antigos foi intitulada a *nova Athenas*; e não menos que a cidade dos Cesares era a metropole dos ramos do humano saber, que a Italia então cultivava. Virgilio, e depois o Tasso, o Ariosto, quasi todos os homens illustres gerados nessa terra classica ali se penetraram da viva claridade que ainda hoje nos deslumbra; e querendo mencionar os homens celebres de que Milão foi berço, basta citar Valerio Maximo, que abraçou o partido desventurado, mas glorioso, de Sexto Pompeu, e a quem devemos uma historia dos factos heroicos dos ultimos varões romanos; o poeta Rufo; o bibliothecario Visconti; os imperadores Othão e Decio; e superior a todos elles, o marquez Beccaria, defensor da humanidade na excellente obra de legislação *dos delictos e penas*. Actualmente ainda é um centro litterario, por ser a residencia de muitos dos melhores escriptores italianos; pelas frequentadas aulas; e porque de seus prelos sahem annualmente mais livros do que os publicados no restante da Italia: a exposição annual das obras dos

AGOSTO 6 — 1842.

artistas vivos manifesta o esmero com que cultivam as Bellas-Artes. O museu de Brera, denominado o *palacio das Sciencias e Artes* contem grande numero de excellentes pinturas dos insignes mestres, sobressahindo a *Agar* do Guercino, a *Cea* de Leonardo da Vinci, *S. Pedro e S. Paulo* do Guido, e a mais sublime das composições de Raphael, o *Casamento da St.^a Virgem*: occupa esta galeria o segundo andar. O pateo, cercado d'uma arcada de columnada de ordem doricca, sobre a qual corre outra da ordem jonica, produz maravilhoso effeito: os lanços d'escadaria são considerados como um primor d'architectura. No pavimento baixo estão o gymnasio, as escolas dos varios ramos de pintura e a d'architectura; entre os dois porticos os monumentos de varios homens celebres, como Bossi, Parini. — No patamar da escada principal entra-se para a bibliotheca, franca aos leitores, composta de cem mil volumes, e acima de quinze mil manuscriptos; ao pé deste magnifico estabelecimento ficam a escolla de gravura, e o medalheiro. O observatorio forma o 3.^o andar, nelle se acham os mais completos instrumentos para observar o curso dos astros: foi concluido em 1766 e ainda hoje ha memoria em Milão da singular difficuldade que esteve para impedir a sua erecção. As religiosas de um convento visinho reclamaram contra um edificio de cuja altura as poderiam observar [ainda que provavelmente não fossem formosas como as estrellas], e que até a vista de indiscretos podia penetrar no interior de suas cellas. Por mais que lhes representassem que ellas de certo não faziam no jardim cousa que não podesse ver-se, e que para resguardar seus aposentos usariam de cortinas, persistiram nas suas queixas; a muito custo pôde o sabio jesuita, Boscovich, auctor do plano do observatorio, vencer tão obstinada opposição. — Existe outro estabelecimento litterario notavel em summo gráu: a *bibliotheca ambrosiana*, que encerra preciosas collecções d'objectos scientificos e artisticos, que a munificencia dos diversos governos nella recolheram; entre outros um volume da historia de Flavio Joseph em papyro egypcio; um Virgilio todo notado pela mão do Petrarca; alem de manuscriptos rarissimos; o cartão original da *eschola de Athenas* (1) pelo exi-

(1) Cópia desta pintura a pag. 305 do vol. 4.^o

mio Raphael; os restos do mausoleu de Gastão de Foix; muitos quadros de Miguel Angelo; os palimpsestos (2) extrahidos do mosteiro de Bobbio, em os quaes Angelo May descobriu o Tratado *de republica* de Cicero, fragmentos de orações deste mestre dos oradores, e outros veneraveis residuos da antiga litteratura. Ajuntai a tudo isto mais de cem mil volumes, e formareis alguma idéa deste valioso thesouro.

Il duomo, como chamam á cathedral (3), e o *theatro de la Scala* tão completamente absorvem a attenção dos viajantes, que poucos fazem menção, e mesmo essa leve, dos outros edificios milanezes, não obstante haver alguns mais, que por sua architectura merecem exame; por exemplo, palacios particulares, estabelecimentos publicos, e algumas portas da cidade; e não sendo pequeno o numero não cabe a enumeração de todos na estreiteza do presente artigo. — O paço do vice-rei tem a apparencia externa bastante ordinaria, mas a escadaria, magnifica e notavel, como a do museu das sciencias e artes, annuncia a grandeza e esplendor interno: e com effeito soberbas pinturas de todos os generos e immensidade de outras maravilhas revelam o poder sumptuoso dos que despenderam enormes quantias para adorna-lo. — Tão bella quanto rica é a igreja de St.º Alexandre, e de maravilhoso effeito a sua abobada pintada a fresco: o altarmór está recamado de agathas orientaes, de jaspes finos e outras pedras de mui grande valor. — A casa do banco, e a da moeda são dignas de ver-se: a ultima, pelo modelo da de Paris, contem machinas mui engenhosas. —

O arco *della Pace*, construido de marmore branco e enriquecido de baixos-relevos e esculpturas primorosas, por sua architectura perfeita, por sua magestade, posição e ornamentos, é depois do arco de l'Etoile em Paris o mais importante monumento deste genero, que tem sido erecto nos modernos tempos. É devido ao dominio de Napoleão que o fez começar em 1807, mas só foi terminado em 1837. Está ao noroeste da cidade, formando como a porta por onde se entra na estrada do famoso passo do Simplon nos Alpes.

Milão abunda em instituições caritativas: o hospital maior, ao dizer de um auctor inglez, testemunha sem suspeita, é dos mais perfeitos e vastos do mundo, e largamente dotado por numerosos bemfeitores, cujos retratos conserva: ha quatro casas d'asylo para creanças, mantidas por subsidios do publico; duas extensas casas de trabalho, para os pobres que não acham occupação, se abriram ha poucos annos, bem como uma de correcção para criminosos, que são ahi empregados em trabalhos uteis, e que dizem ser admiravelmente bem regulada. Emfim, esta cidade possui todos os estabelecimentos quer de utilidade quer de luxo e recreio, e as companhias e corporações que competem a uma capital, e por isso lhe chamam «Paris em ponto pequeno.» — O circo, ou moderno amphitheatro, foi mandado construir por Napoleão á imitação dos romanos e gregos antigos, para carreiras de cavallos ou em carroças, exercicios gymnasticos e outros jogos: a arena, que terá 800 pés de comprimento, póde encher-se d'agua quando se queira, e transformar-se em naumachia (4).

(2) Veja-se a pag. 367 do vol 3.º

(3) Vista interior a pag. 337 do vol. 4.º

(4) Combate naval fingido, espectáculo de que usavam os romanos:—tambem o logar em que este se representava.

O *theatro de la Scala* é dos principaes da Europa pela extensão da caixa, riqueza das decorações, pompa do espectáculo, danças e bailados, e composição da orchestra: até nesta parte lhe dão primazia sobre o de S. Carlos em Napoles. A cavallaria maneja no proscenio tão facilmente como no melhor picadeiro; o panno apresenta á vista a mais perfeita illusão d'optica; seis ordens de camarotes ornados com grande riqueza imprimem neste amplo recinto um caracter de inaudita magnificencia; e [para me servir de phrase de auctor conhecido] *a platéa é mundo onde a gente se perde*. Pelo que respeita á architectura é o *theatro* mais formoso que se conhece, e exceptuando sómente o de Parma e o de Napoles é entre todos o mais espaçoso.

MANUEL DE SOUSA COUTINHO.

[Romance historico].

1578 a 1632.

(Conclusão).

O peregrino.

Sobre uma penha immensa repousa louçã a villa d'Almada, onde o seu castello e seus pequenos mas elegantes edificios ainda nos parecem recordar os feitos desse guerreiro, que de bretão só teve o nome, desse guerreiro que prestou aos portuguezes e ao seu primeiro rei tão poderoso auxilio (1). Almada, como um desses Titans de que falla a mythologia, assoma em meio das vagas, e contempla soberaneira Lisboa, Lisboa então soberana dos mares, tendo aos pés o tão decantado Tejo, e sobre a frente um céu puro e sereno qual outra Veneza. O viandante que depois de haver caminhado por esses ingremes e mal construidos caminhos, que conduzem ao castello d'Almada, alonga do tópo dessa fortaleza os olhos, é por impulso natural obrigado a fita-los nesse edificio collossal e grandioso de Belem, que na frente parece ter escriptas as glorias de D. Manuel seu fundador. Mais alem para o lado direito se eleva magestoso o zimbório da Estrella, desse convento que attesta aos vindouros a piedade e a magnificencia da Sr.ª D. Maria 1.ª sua fundadora. Mas como distinguir ou particularisar entre o alternar de edificios e ruas que deslumbram os olhos, um em que se demore a penna do historiador? Uma confusão immensa de tectos angulares, quadrangulares, de ruas em parallelogramos, de praças quadradas e semicirculares, de igrejas com suas innumeradas flechas e agulhas, com suas variadas fórmas e espiraes, fazem que a vista se perca nesse mappa gigante. A torre de S. Sebastião de Caparica, a de S. Gião, a de S. Lourenço ou Bogio são como atalaias, que parecem estar indicando a existencia da Arentella, Azeitão, Palmella e outros poutos que se perdem na extensão do olhar.

Oh! que soberbo e magestoso é esse panorama, talvez sem rival! E o estrangeiro malcontente ainda ousa cuspir-nos injurias porque não temos ruas bem nivelladas? Como se não tivessemos feitos grandes, ou deixassemos de possuir maravilhas que fazem callar a mais rigida censura? . . . Cintra, pa-

(1) D. Affonso Henriques, segundo dizem, doou este districto aos que em vez de irem á Palestina preferiram ficar em terras de Portugal. Ha escriptores que asseveram que Almada fôra fundada pelos inglezes no tempo de Guilherme o Longa Espada.

raiso terreal, Batalha, Alcobaça, Mafra, S. Vicente, Belem, Ajuda, e tu, ó Tejo, que rollas tuas limpidas aguas de cristal, cortadas por mil barcas ligeiras como o vento, desmente esses censores!

Em Almada existia pois um pequeno edificio, que pelas recentes pinturas e alguns restos ainda por acabar denotava haver sido edificado havia pouco tempo. Era noute, e noute mui formosa; o céu azul e claro semelhante a um espelho onde se reverberava o poder de Jehovah; a lua tinha surgido debaixo de um monte de nuvens, que por um momento annuviaram a esphera celeste, e derramava torrentes de luz sobre as aguas, lançando um véu diaphano sobre a fronte magestosa da noute, e apparentando aqui e alli figuras movediças e fantasticas.

N'um quarto baixo e modestamente guarnecido ao gosto da epocha viam-se tres pessoas; uma era uma dona, outra um cavalleiro, e a terceira, que se conservava mais distante, um religioso que apoiando a fronte nas mãos, lia attentamente n'um livro que diante d'elle estava aberto.

Todos eram mudos; e apenas a espaços se quebrava o silencio pelo vento que fazia rumorejar a folhagem das arvores.

Quem eram estas tres personagens já o leitor terá adinhado; mas como se achavam aqui é que será mister explicar-lho.

Volvamos atrás.

Manuel de Sousa [era esse o cavalleiro] prisioneiro dos africanos pelo espaço de doze annos ahi soffrera os mais crueis martyrios, ahi se lhe cortára a flôr da mocidade; o leão da Africa, a quem sobraram n'alma sanha e soberbias, não perdéra ensejo para atormentar o infeliz, que em duro captivo resignado tudo arrostára: Mathias de Kleist lhe quebrára os pulsos com as algemas de escravo, e não poupára um só momento para lhe levar ao fundo d'alma as dores mais dilacerantes. Por morte do tão sentidissimo D. Sebastião subira ao throno o Sr. cardeal D. Henrique, e foi esse senhor tão piedoso e cheio de fé, que logo acordou com seus vassallos o aliviar os padeceres moraes e physicos dos miseros portuguezes, que sós no pó da servidão rojavam as pezadas cadêas; e por isso logo se partiram de Lisboa alguns religiosos, que iam apparelhados para propagarem a lei de Christo entre esses aduares ignobeis. Chegados que foram a Cepta (2) encontraram ahi Fr. Roque, que nessa algarada ia resgatar tambem o corpo d'elrei; logo se fizeram todos de abalada pela Berberia indo sempre consolando as ovelhas desgarradas de Jesus-Christo, que entre infieis perdiam suas almas tão rijamente temperadas. Alfim Manuel de Sousa foi libertado a peso de ouro, de joias riquissimas, de dinheiro contado, perolas, prata e alfaias. Quando chegou a Lisboa era o anno de 1590; suas feições vinham alteradas, os olhos cavados, as faces maceradas deixando ver os sulcos dos infortunios; aquelles cabellos outrora bellos e anellados, ora se amostravam raras e de neve; todos os padeceres d'alma, todas as dores de coração vinham pintadas uma a uma no seu rosto maguado. E seu primeiro cuidado foi vêr D. Magdalena; ella a custo o reconheceu, mas apenas dos labios se lhe desprende a voz, apertou-o ao seio arfando de amor tão leda como sohe ficar a amante, quando depois de longa ausencia vê aquelle a quem dera o coração e vida.

(2) Ceita, Ceuta, ou segundo os antigos Cepta ou Ceptum.

Não perdêra nada de sua formosura; vestida de dô pela morte de seu esposo, o collo alvo e de alabastro, os cabellos sem alindes, estava bella como a violeta do valle, sublime como o primeiro osculo de amor. A esta entrevista se succederam outras em que o tempo similhava voar, em que as palavras mimosas e os rios de prazer se trocaram.

E annos depois, poucos em numero, eram esposos perante Deus e os homens!

Retiraram-se a Almada, onde Manuel de Sousa tinha uma pequena habitação, e ahi viviam havia alguns tempos, não tranquillos porque Manuel de Sousa perdêra o repouso d'alma, e a procella que dentro della se lhe revolvia o não deixava descansar um só momento.

Vêde agora mesmo como elle passeia agitado, como seus olhos brilham; todavia sua fronte ainda é magestosa e nobre, coroada por esse diadema de luzeiros que o dedo invisivel do Creador põe sobre o genio.

Magdalena . . . esposa, diz elle com voz tremula e cortada, que de successos, que de desgostos hemos supportado, porem Deus é Omnipotente, e nelle tenho fé! Esta luta continua d'alma, estas dores terriveis do corpo me hão gasto a vida, que já tão quebrada só achará repouso na sepultura! Ah! Senhor Deus, bem vejo que é chegada a minha hora, a minha hora feliz e venturosa, unica talvez que goze no tumultuar do viver!

Calou-se, e uma lagrima lhe veio humedecer a face. Era a primeira que por soffrer derramava. Tudo se quedára mudo, e só Fr. George Coutinho lia no seu breviario com voz grave e soturna: *paratum cor meum, Deus, paratum cor meum!* O meu coração está preparado, ó Deus, o meu coração está preparado! repetia o sacerdote, folheando o seu livro, onde em cada palavra se revelava a potestade do Creador.

— «Sim, o meu coração está apparelhado, proseguiu Manuel de Sousa; mas o que soffre? . . . o que padece? . . . As paixões de fogo da alma do mancebo apagaram-se no meu peito soçobrado em maguas . . . vi-me longe da patria . . . longe de Portugal . . . de tudo quanto era portuguez: e o meu rei cahido por terra com a face regia exposta ao escarneo! . . . Deus, Senhor Nosso, continuou elle com vehemencia, era mister que ao pôr do sol da vida eu padecesse como esse martyr D. Fernando, filho do heroe de Aljubarrota e Cepta! que faria a flôr minguada de sciva, rojando na terra? . . . desfinhar, morrer . . . e eu não desfinhei, e eu não morri, porque tinha fé e esperanza . . . esperanza, nuvensinha dourada que o sopro mais fragil desfaz, nome que vale tanto e tão pouco como o suspiro de uma mulher — centelha que bruxuleia nas trévas do apartamento! . . . —

E passeava agitado, e mui prestes seu rosto se tornou sombrio como o declinar da tarde.

— «Magdalena! soffri muito, não tenho cessado, nem cessaria de to repetir. Quando á noute eu via o céu ora puro, ora variegado, soltava do amago da alma um gemido, e esse gemido expirava no deserto: esse gemido não podia resoar no meu Portugal, no meu Portugal tão bello! Não podes comprehender o que é o homem viver n'uma terra em que aquelles que se lhe assemelham não são seus irmãos, em que a brisa que lhe refresca as faces de saudades não é a da patria; a agua perde o seu doce murmuro, as aves o seu dulcissimo trinar, e o astro da noute que termina seu curso despede

um clarão fróxo, a que chamam um novo dia, mas esse dia não era de Portugal, era um dia d'Africa, negro e cobreado como seus habitadores. E eu estreitava ao seio o Sr. D. Antonio ao alvorecer das manhãs, e dizia-lhe — quando seremos livres, quando estaremos na patria! E as minhas lagrimas iam engrossar a torrente do Lucus que sussurrante corria limpida e cristalina!»

— «Mas para que essas tristuras, para que essas memorias já passadas?... atalhou D. Magdalena; hoje somos felizes, hoje somos esposos — esquece o passado, e nos meus braços recorda o presente!»

Manuel de Sousa, todo reconcentrado em seus pensamentos, nem a escutára, e viera sem o saber sentar-se n'um escanho junto da esposa.

«Tudo no mundo é sonho! murmurou elle baixinho, tudo no mundo é embuste... O viver illusão irrisoria, a vida raio de Deus que elle d'um sopro destrõe, o amor nome vão que a fantasia doura e aprimora, a belleza fantasma louco; o odio, a inveja, a intriga, a ambição, espinhos agudos d'alma, que tão bem assentam no coração humano!»

Estas praticas dolorosas foram cortadas por um varlete, que annunciou um peregrino, que vindo de longe pedia gasalhado.

— «Dar pousada ao desamparado, é preceito da nossa santa religião» — acudiu Fr. George fazendo o signal da cruz.

— «Que entre» — disse Manuel de Sousa.

O peregrino assomava á porta, e por um só movimento os olhos de todos se pregaram nelle como se quizessem prescrutar-lhe os arcanos d'alma.

— «Senhora, sou portuguez, venho de Jerusalem: ao voltar á minha patria um outro portuguez me buscou, e pediu-me que chegando a salvamento quizesse passar por esta villa, e vos dissesse, que ainda por aquellas partes vivia quem se lembrava de vós.»

Estas palavras resoaram aos ouvidos de D. Magdalena como o estampido da tempestade; todos ficaram suspensos e sobresaltados. Manuel de Sousa, que durante este tempo se conservava em silencio, levou a mão á frente como se um pensamento brilhante por allí passasse. Travou do braço do peregrino, levou-o até ao quarto immediato, e apontando para um magnifico quadro que ornava a parede, disse-lhe: —

— «Vede, será esse o portuguez?»

— «É D. João de Portugal! bradou o peregrino.»

D. Magdalena os seguira, mas trémula como a pomba quando divisa o xofrango. Ha situações na vida que é melhor imagina-las do que descrevê-las. Ella ficára tão fóra de si; sua alma sentira dôr tão pungente, ao ouvir as palavras do desconhecido, que parecia se lhe haviam estancado as mais potentes fontes da vida; sua mente ardia em fogo, quiz fallar . . . não pôde! quiz supplicar . . . não tinha forças! Seus olhos se cerraram, seus labios perderam a côr, e assim muda, ouvindo mas não comprehendendo, sentindo mas não chorando, disseres ser a estatua do soffrimento, que o cinzel de Canova esculpira com esmero e primor.

Manuel de Sousa tambem descorçoára, mas cobrando animo assim fallou: —

— «Ambos estamos inculpaveis no engano; o céu não se offende das ignorancias. Se vós tivesseses noticia do vosso primeiro esposo, nem me acceitariais por segundo, nem eu, catholico, o consentiria.

Deus nos abriu os ouvidos e os olhos. Já vamos achar o caminho trilhado; os condes de Vimioso nos fizeram esse beneficio; elle tomando o convento de Bemfica, estrada direita para o céu, e a condessa o do Sacramento, novo paraíso na terra. Esta me parece a cabal satisfação que devemos a Deus e ao mundo; ao mundo, deixando-o como a quem nos tratou com este engano; a Deus, seguindo-o como a quem nos abriu os meios de conhece-lo. Senhora, espero encontrar a vossa resolução nas mesmas circumstancias»

— «Manuel de Sousa! Manuel de Sousa!» — repletia a desventurada fóra de si.

Mas elle se havia ausentado, e a misera cahida por terra, soltas as brancas vestes, esparsos os cabellos, parecia estatua de jaspe derrocada do pedestal.

Passado algum tempo depois deste terrivel acontecimento, Portugal lastimava a perda d'um grande sabio e de uma mulher virtuosa. O erudito auctor da vida de D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, Historia de S. Domingos, Considerações das lagrimas da Senhora, Chronica d'elrei D. João 3.º &c. findára seus dias no claustro de S. Domingos de Bemfica, ralado pela saudade e amor, mesmo dentro das grossas paredes d'um convento, porque o coração é o ultimo que se desapega da terra, e a memoria a derradeira companheira do coração. No mosteiro do Sacramento, abaixo de S. Vicente de Fóra, junto ao Postigo do Arcebispo, tambem expirára quasi ao mesmo tempo a mais mimosa, a mais fragrante flôr da creação.

Manuel de Sousa Coutinho, ou antes Fr. Luiz de Sousa; e D. Magdalena Vilhena, ou antes Soror Magdalena das Chagas, já não existiam!

P. M.



MOUROS D'ARGEL (.).

A POPULAÇÃO da regencia berberesca d'Argel, hoje colonia franceza, alem dos europeus, conta sete castas distinctas d'habitantes: os bereberes, os mouros, os negros, os arabes, os judeus, os turcos, e os kuluglizes; todos com habitos e caracteres respectivamente differentes.

Suppõe-se que os bereberes são descendentes dos antigos numidas, que foram conhecidos pelos roma-

(*) Vista, historia, descripção, e conquista d'Argel a pag. 57 e 122 do vol. 5.º da 1.ª Serie.

nos, e eram castas aborígenes do norte d'Africa cruzadas com persas e armenios, que se estabeleceram ahi em eras remotas: elles e os arabes são os inimigos mais formidaveis que os francezes tem encontrado. — Os negros, de ha seculos que são comprados no sertão d'Africa e trazidos como escravos; quasi todos os mouros tem destes servos; mas a origem da população de negros livres em Argel é devida á circumstancia de que o escravo póde comprar a sua alforria por dinheiro ou serviços extraordinarios, e tambem porque o mouro rico por sua morte deixa livres e sórros os seus negros, como frequentes vezes acontece. — Os arabes parecem-se muito com os seus coirmãos das regiões mais orientaes: desde o tempo em que os seus ascendentes, ha centenaes d'annos, possuiram Argel, muitos ficaram habitando o paiz, e conservaram seus usos particulares, postoque em muitas cousas se ligassem com os subsequentes conquistadores: alguns cultivam terras e vivem em cabanas, mas outros são *nómadas* [vagabundos] e sem residencia certa vagueiam nos desertos. — Os judeus formam uma secção desse povo espalhado pelo mundo, sem corpo de nação, sem governo fixo: eram desprezados no tempo do Dey, como sempre lhes succede em Marrocos, em Constantinopola, e em todas as terras mahometanas: os ricos dão-se e fazem commercio com os europeus; os pobres são abjectos como em toda a parte e traficam com as outras castas do paiz. — Os turcos, antes da entrada dos francezes, eram os mais poderosos dos habitantes, foram os conquistadores por astucia e força, e em suas mãos estava o governo; as melhores casas de campo nas visinhanças da cidade pertenciam a estes senhores intrusos; são quasi tão brancos como os europeus, postoque no trajar pouco diffiram dos mouros. — Os kuluglizes constituem uma raça intermedia entre turcos e mouros; chamados por aquelles, ligaram-se com as familias destes; é uma casta mixta de pouca importancia.

O nosso objecto principal é tratar dos mouros, cujo modo de vestir a gravura indica. Esta parte mourisca da povoação argelina é quasi tão antiga como os berebères, mas concorreram diferentes circumstancias para lhes proporcionar melhor condição social. Por habitarem principalmente a costa maritima tiveram mais frequente communicação com os europeus do que os outros, que viviam no interior das terras. Isto e as successivas conquistas daquelle região modificaram os habitos e maneiras desta gente, a ponto de os fazer mais brandos de condição, e mui susceptiveis de cultura. Subjugados primeiro pelos arabes, governados depois pelos turcos, abraçaram o mahometanismo, e desde esse periodo pouco differiu a sua maneira de viver da que seguem os outros sectarios do alcorão. De tempos a tempos, europeus se interlaçaram por matrimonio com os mouros, e dessa união resultou necessariamente uma casta mixta: mas a caracteristica do mouro nativo e puro annuncia uma evidencia de geração, que facilmente se descreve. Os homens são de estatura mediana, de porte grave e nobre; tem pretos os cabellos, a cór um tanto amorenada, mas não pardo-escuro e sem graça: são musculosos e robustos e não muito cheios de carnes. As mulheres estão em proporção de formas physicas com os homens; tem igualmente os cabellos pretos, alem disso olhos formosos, e muitas podem apellidar-se bonitas. As creanças são extremamente engraçadas.

A maior porção da população do estado argelino

é de mouros; moram em casas de mais ou menos preço nas cidades e terras principaes e tambem occupam algumas aldeas: alguns, mas poucos, habitam casaes separados sobre cabeços ou em valles e planicies cultivadas: estes são frequentes vezes saqueados e até mortos pelos arabes e berebères, quando fixam a residencia proximo a tão perigosos visinhos.

O vestuario dos mouros pouco differe do turco: trazem turbantes, e usam de umas calças, antes largas ceroulas, franzidas em muitas pregas na cintura e nos joelhos; e a parte superior do corpo cobrem com uma vestia, bordada de ouro ou de seda, conforme a condição do que a traz. De verão andam geralmente de braços nús, mas n'outra estação tem uma especie de camisola com mangas até o punho, onde abotoam: não usam meias, e calçam chinellas: enrodilham em muitas voltas á roda da cintura uma faixa comprida de seda, ou de outro tecido tinto, e della trazem pendente o seu *yatagan*, ou alfange, o punhal, o par de pistolas, e a bolsa; n'uma algibeira reservada mettem a caixa do tabaco picado; e ninguem os encontra sem cachimbo na mão. Os que fizeram a peregrinação a Meca põem para divisa turbantes verdes; e todos quando se occupam no trafico domestico largam esta cobertura da cabeça; as suas capas e capellos só lhes servem em viagens, quando corre máu tempo. — As mulheres trajam mui diversamente dos homens: usam de pantalonas largas, ou calças de roupa leve franzidas na cintura e logo acima dos artelhos: prendem o cabello á roda da cabeça com uma especie de liga, e põem por cima um lenço, preso atraz, e que dá volta ao rosto de maneira que lhe tapa metade: a tunica de linho, que vestem tambem por detraz, cresce a cobrir a cabeça; e no manto que deitam por cima de todo o fato se embrulham escondendo completamente os braços e as mãos: não se servem de meias, e calçam uns sapatos mal-geitosos. Este é o vestuario adoptado para sahirem fóra de suas casas; mas de portas a dentro usam diversos fatos, conforme a sua jerarchia, e os misteres em que estão occupadas: de ordinario, no trafego caseiro, vestem demasiado á ligeira, e andam em pernas e descalças; mas para receber visitas preparam-se arremedando aquella magnificencia, com que tanto se distinguem as nações orientaes. As duas figuras do desenho, que inserimos, ao lado direito da pagina, mostram o mouro e a moura em trajo caseiro; a figura do lado esquerdo representa a moura quando sahe a passeio.

Os mouros praticam quasi todos os officios mechanicos; mas são grandemente perguiçosos e lentos no trabalho. Um lapidario, por exemplo, tendo começado a sua tarefa, accende o cachimbo, fuma alguns minutos, depois dá alguns toques na pedra, torna a fumar, examina e dá voltas por todos os lados á obra, fuma outra vez, e assim por diante.

Os mouros tem a triste reputação de ser a casta mais immoral de todo o mundo, e de cometerem devassidões de toda a especie; e são tão perfidos que ninguem póde nelles fiar-se, assim como elles de toda a gente desconfiam. Affirma-se tambem que os vinculos do sangue os não ligam muito: a este respeito contaremos um caso que Mr. Remaudot diz succedido com um patricio nosso. — «Havia em Argel um cirurgião portuguez, que fóra captivo, mas tinha facultade de praticar a sua profissão; veio procura-lo um mouro do campo, e disse-

lhe chaãmente: — christão barbeiro, dá-me alguma droga para envenenar meu pai; e te pagarei com largueza. — «O cirurgião attonito guardou silencio por alguns momentos; mas depois perguntou com muita serenidade d'espírito: — «Comque, estais malavindo com vosso pai?» — «Nada: [tornou o mouro] dêmo-nos bem; é boa pessoa; ganhou muitos bens; casou-me e doou-me todas as suas fazendas: mas já pela idade avançada não póde trabalhar, e assim mesmo ateima em não morrer.» — «Visto isso, sempre estais disposto a despacha-lo para melhor vida?» — «E porque não?» O facultativo callou-se, preparou um excellente cordial para fortalecer o pobre velho, e entregou-o ao ingrato filho, recebendo a paga. Passada uma semana, o mouro camponez estava na pousada do cirurgião queixando-se que o pai não tinha morrido. — Ah! não morreu! [disse este] É necessario ministrar-lhe nova dose.» — Nova preparação de cordeal, nova esportula do mouro; e o resultado o mesmo. Dahi a dias voltou asseverando com indizível simplicidade que o bom do velho, em vez de morrer, passava muito melhor: recebeu outra dose, até que por fim desenganou-se do seu máu intento, capacitado [como confessava] que seu pai era um santo, não havendo veneno que o matasse, antes com elle engordava. —

OS MANUSCRIPTOS.

Os MANUSCRIPTOS formam o objecto principal da diplomatica (*). Todos os manuscritos antigos que existem são escriptos em pergaminho, ou em papel. Esta ultima substancia divide-se: 1.º em papel egypcio, feito da planta do papyro; (*papyrus*); 2.º em papel de algodão, ou sêda, (*charta bombycina*), inventado no Oriente no anno 706 da nossa era, e cujo uso acabou totalmente no meio do decimo-quarto seculo; 3.º em papel de trapo; os antiquarios não concordam sobre a epocha da invenção deste papel, mas a maior parte pensam que teve logar no meado do decimo-terceiro seculo, porque existe um diploma do anno 1243, escripto em similhante papel.

As pennas d'escrever principiaram a ter uso no setimo seculo, segundo se vê em uma obra então publicada. Entre as diversas qualidades de tinta que se emprega, a preta (**) foi sempre a mais com-

(*) E' preciso não confundir a diplomatica com a diplomacia. A diplomatica é a sciencia de entender os diplomas, e os documentos antigos: comprehende o conhecimento exacto da natureza dos diplomas e dos actos publicos, suas formulas e contextura; bem como o das escriptas, formas exteriores e praticas seguidas em cada seculo, e por cada nação.

(**) Fazemos aqui uma advertencia em proveito nacional, que com admiração nossa tem escapado a muitos escriptores, e bem desejaríamos que o governo e os seus delegados, a quem isso incumbir, della tomem conhecimento. E' sabido que nas repartições do estado está introduzido o uso das pennas metalicas, mas não é geralmente sabido que essas pennas empregadas com a tinta commum, feita com a galha e a caparozza, decompõem aquella em breve periodo, tornam-a amarella, seguindo-se daqui o inconveniente de serem necessarios poucos annos para fazerem indecifráveis quaesquer documentos publicos. Daqui já se vê quantos males resultarão á sociedade em geral, por effeito de similhante acontecimento, sobre tudo nos documentos e titulos de propriedade ou dominio, e em outros pelos quaes se deve fazer obra depois de certo periodo d'annos. Em Inglaterra, aonde as pennas metalicas s'inventaram, não tardou quem fizesse experiencias, e reconhecesse o inconveniente, assim

num, e parece que a sua origem é mui antiga; esta tinta porem não se preparava com vitriolo como agora; era composta de preto de fumo, sebo, resina, pez, marfim queimado, e pó de carvão. Nos antigos manuscritos encontra-se tambem tinta de côr vermelha mui viva e bella, que servia para as lettras iniciaes, primeiras linhas, e titulos de capitulos. É por isto que se chamavam estes titulos *rubricas*, e as pessoas que se dedicavam a escreve-los *rubricadores* (*rubricatores*). A tinta azul encontra-se menos vezes nos antigos manuscritos, e as tintas verde e amarella são mui raras. Tambem se empregaram lettras de ouro e de prata em alguns manuscritos, que são raros, de muito valor, e hoje objecto de curiosidade.

Quanto á sua forma material, os manuscritos dividem-se em duas classes, a saber: 1.ª os rôlos (*volumina*) que são os mais antigos, dos quaes se exceptuam, porem, os manuscritos dos trovadores que por vezes tem esta forma; 2.ª os livros encadernados ou brochados, isto é, os *codices* assim chamados.

As pessoas que escreviam os manuscritos, entre os antigos, eram pela maior parte escravos, ou libertos (*scribae librarii*); em epochas mais remotas os frades dedicaram-se a este trabalho, com especialidade os monges de S. Bento, a quem as regras da sua ordem lh'o incumbiam. Os correctores e os rubricadores faziam depois as correções e os ornatos aos manuscritos sahidos das mãos dos copistas.

Para fixar a data e o valor dos manuscritos, não basta considerar as circumstancias que deixámos indicadas, é alem disso essencialmente necessario examinar o genero e natureza dos caracteres. Todavia é muito mais difficil descobrir, pela escripta, a antiguidade de um manuscrito grego que a do manuscrito latino. Quanto aos manuscritos gregos, é regra geral, que quanto mais ligeiros, correntes, e agradaveis são os caracteres, mais antigo é o livro, porquanto a escripta grega decahiu de seculo a seculo e tornou-se mais aspera e pesada. A existencia ou a ausencia dos accentos gregos nada prova a respeito da antiguidade dos manuscritos, que são do setimo, e muito poucos do sexto seculo.

Os caracteres latinos foram classificados, conforme os seus tamanhos, em maiusculos e minusculos; e segundo a forma que se lhes deu entre os diferentes povos, e em certas epochas, em caracteres romanos antigos, merovingios, lombardos, carlovingios (*scriptura romana antiqua, merovingica, longobardica, carolingica, &c.*) A estes diversos caracteres é necessario acrescentar os gothicos, que começaram no duodecimo seculo, e que são uma especie de minusculos angulares e cheios de contornos exquisitos. Para cada uma destas escriptas, estabeleceram-se regras segundo as quaes póde descobrir-se a antiguidade do manuscrito.

Anterior ao oitavo seculo, raras vezes se encontra pontuação; essa todavia falta tambem nos manuscritos posteriores á sua adopção geral, e até em alguns do decimo-terceiro seculo e dos seculos seguintes. Os manuscritos sem paragraphos, sem como não houve tambem tardança em preparar tinta appropriada, que resiste a maior lapso de tempo, e que não se decompõe com tanta facilidade como a tinta commum. Essa invenção é alli objecto de um privilegio (*patent*), e não ha difficuldade alguma em prepara-la em Portugal, quando assim se julgue necessario, e isso merecer a attenção do governo, e dos seus delegados.

seções, e sem capitulos são sempre mui antigos. O reclamo (*custos*) ou a repetição da primeira palavra de um caderno por baixo da ultima linha do caderno precedente, pertence ao duodecimo seculo e aos seculos posteriores. Quanto menos abreviaturas se encontram, e menos são ellas consideraveis, tanto mais antigo é o manuscripto. Nos manuscriptos de maior antiguidade, as palavras não se acham separadas, mas seguem-se sem interrupção de linhas. O uso d'espaciar as palavras começou no seculo nono. A formatura dos caracteres arabes, que principiaram a empregar-se geralmente nos manuscriptos do meado do decimo-terceiro seculo, póde servir de norma para avaliar o seculo em que foram escriptos. Muitos destes trazem no fim a epocha, a data, e alguns até os nomes das pessoas que os fizeram; mas é preciso não ter cega crença nesta qualidade de assignaturas, porque muitas vezes a data que trazem e a da composição da obra, referem-se só a uma parte do manuscripto, e outras vezes dão pormenores completamente ficticios.

Desde a achada dos manuscriptos d'Herculanum, obteve-se a certeza que nenhum dos outros manuscriptos conhecidos vai alem do primeiro seculo da epocha christã. No anno de 1825, um francez viajando por conta do subdito inglez, Mr. Bankes, achou na ilha d'Elephantina [no alto Egypto] um fragmento da Iliada escripto sobre papyro, contendo obra de 800 a 900 versos [desde o 160.^{mo}] escriptos em optimas letras capitaes. Julga-se que este manuscripto pertence á epocha dos Ptolomeus, e a ser assim, é sem a menor duvida o livro mais antigo que existe.

Na idade media, borrava-se e raspava-se a escripta dos livros antigos em pergaminho, e cobria-se com novos textos. Estes livros tornados a escrever por tal guiza, e que são poucos em numero, chamam-se *palimpsestos* (*codices rescripti*), porem o costume deste processo tinha já acabado no decimo-quarto seculo, provavelmente em rasão de então começar a haver abundancia de papel: chamava-se tambem, (*liber lituraris*) livro raspado; segundo parece empregava-se o punhal de gume para raspar os antigos caracteres. Assim destruíram-se grande numero de obras preciosas da antiguidade, e o costume introduziu-se em rasão da carestia, e escacez das materias em que se escrevia. Cicero attende a isto na carta que escreve ao jurisconsulto Trebacio; — «Vós escrevestes em *palimpsesto*. Aprovo a economia; mas dou-me a tratos para poder saber o que continha esse papel que preferistes antes raspar que escrever. Seria acaso a nossa correspondencia? Mal posso eu acreditar que apagueis as minhas letras para substitui-las pelas vossas.»

Ha *palimpsestos* escriptos sobre papel, mas são mui raros. É difficil lê-los, e muitos reclamam grande experiencia e paciencia. Muitas paginas são difficéis de decifrar, é preciso approximar umas ás outras com muito cuidado, porque as folhas não foram raspadas na mesma ordem da escripta antiga e passadas para a nova copia. Os traços são difficéis de reconhecer, e para lêr certas passagens é preciso um dia sereno e de sol mui claro. Outra difficuldade consiste em unirem-se as palavras sem separação, sem virgulas, e quasi sem pontos, que muito é encontrarem-se de tempos a tempos alguns. Os quadernos que formam estes livros não eram compostos de folhas dobradas, pois procedia-se, como depois da invenção da imprensa, por folhas

reunidas, e segundo o numero, estes quadernos chamavam-se *duorniones*, *terniones*, &c. Podem vêr-se na prefacio da *Republica de Cicero*, pelo celebre abbade Mai, pormenores mui curiosos sobre os meios que elle empregou para coordenar os bellos fragmentos sobre os quaes, depois de ter novamente polido o pergaminho, se escrevêra um commentario de Santo Agostinho sobre os psalmos.

O abbade Mai dá nesta introdução conta mui curiosa sobre os *palimpsestos* da Italia em geral, e nomeadamente sobre os de Verona, dos quaes Niebuhr tirou as *Institutas de Gaio*. Não seria impossivel, segundo a opinião de Mai, que muitos destes *palimpsestos* pertencessem ao seculo de Augusto; compara os caracteres da escripta áquelles das inscrições de Pompeia e Herculanium; e mostra que os pergaminhos podiam ter essa duração. Publicou tambem fragmentos d'outros auctores gregos e latinos, todos obtidos pelo seu trabalho infatigavel, e menciona *palimpsestos* ignorados até então. Taes são os fragmentos de um Tratado de Gargilio sobre as arvores de fructo, os de Fronto, os de Dion Cassio, dos quaes Niebuhr tirou depois immenso partido para fixar um ponto d' historia relativo ao tribunato.

P. M.

ARTES.

Nova descoberta para conservar madeiras.

Não ha muito que se descobriu um processo mui curioso, e sobre modo economico, para embeber as madeiras d'um liquido que não só as conserva, e as livra da acção dos insectos, porem que serve igualmente para as colorir, e mesmo para lhes diminuir a combustão. Este liquido póde-se introduzir no tronco principal, e até nas folhas das arvores.

A injeção obtem-se pela circulação da seiva.

Quando se corta qualquer arvore, a seiva conserva por alguns dias o seu movimento ascencional; pondo então o pé, que se separou da raiz, em um receptaculo cheio do liquido, em pouco tempo este é absorvido pela circulação da seiva e sóbe até ao topo da arvore, ainda quando esta tenha cincoenta pés de altura. Se se quizer fazer este processo, conservando a arvore pegada á raiz, bastará entalhar as duas faces juntas ao pé até certa profundidade, por maneira que o liquido possa penetrar no amago, e conseguir-se-ha igual resultado.

O liquido escolhido pelo auctor desta descoberta é o pyrolignito de ferro, o qual tem a propriedade de tornar insoluveis, e isentas dos damnos feitos pelos insectos, pela fermentação ou pela podridão, todas as partes soluveis, alimentares, e sujeitas á corrupção que entram na composição chymica e physica das madeiras.

Se a injeção do primeiro liquido não se suppõe ser sufficiente, póde-se injectar a madeira segunda vez, e faze-la colorida mais ou menos, bem como propriedade póde diminuir-se-lhe a de combustão.

As experiencias que se fizeram em França depois desta descoberta, as quaes foram todas superintendidas por um inspector geral das minas, e por um chefe inspector das pontes e calçadas, produziram muitas observações curiosas, e fizeram conhecer alguns factos notaveis quanto á circulação e movimento que a seiva das arvores tem. Assim por exemplo conheceu-se, que a seiva não tem repouso durante o inverno: existe então uma circulação

mui manifesta, e não é nessa estação que ella é menos activa.

Suppõe-se que os pinheiros que nascem em França, depois da injecção de que fallamos, são susceptiveis de adquirir tanta duração, rijeza e flexibilidade para a mastreação de navios, como os que se cultivam no norte. As experiencias feitas nas arvores cortadas junto a Bordeus confirmam esta asserção: outro tanto, e com mais rasão, deve acontecer na Peninsula.

As applicações do processo que indicámos são sobremaneira numerosas. Conseguiu-se colorir madeiras de côr branca, e emprega-las em soalhos marchetados, que por esta forma se tornam de bonita apparencia, e de muita duração. Introduzindo saes deliquescentes, taes como o chloreto de magnesia, que é facil comprar por modico preço, consegue-se tambem evitar que as madeiras empenem, ou rachem. Esta preparação torna tambem a madeira cortada em folhas delgadas tão flexivel como laminas de couro; e nesse estado são de muita utilidade para a marcenaria, e para a esculptura.

Os cavacos cortados de qualquer páu, que recebesse a preparação do liquido, não ardem com facilidade e não se reduzem a cinza. Fez-se a experiencia de encher duas cabanas com cavacos, uma de madeira injectada, e outra de madeira que não recebêra esse preparo. A ultima ardeu com grande labareda e ficou em cinza, a primeira levou muito tempo a consumir os cavacos, não ateou, e o lume apagou-se de per si, encontrando-se depois o interior da cabana carbonizado.

Esta descoberta é da maior utilidade para os theatros, que ficarão assim menos sujeitos aos incendios, e offerecerão maior gráu de segurança publica; assim como para as grandes construcções tem a maxima vantagem de tornar qualquer madeira de pouco preço compacta e valiosa pela consistencia que ganha e pela duração que promette.

Habitos dos groelandezes. — Como outras nações selvagens, entre as quaes a satisfação das inclinações e necessidades naturaes é o unico incentivo para se moverem, os groelandezes são desmazelados e negligentes; postoque de bom genio e trataveis, raras vezes são espertos e joviaes, e a muito custo sabem da sua ordinaria apathia por estimulo da curiosidade, ou impulso de paixões; portanto achallos-hão mui pouco dispostos para desavenças e pelejas: a maior contenda limita-se a alguns sóccos e mais commummente a dicterios de parte a parte; e vivem em boa harmonia, dominados antes pela benignidade que por aspero tratamento: inconstantes em extremo largam os mais estimados designios pelo minimo obstaculo inesperado. Com pouco alcance d'entendimento, os seus pensamentos e cuidados quasi inteiramente se encaminham a attender ao momento presente: consomem o seu mesquinho fornecimento de provisões sem reflectir em futuras carencias, e gastam a melhor estação do anno á caça das rennes bravas, por causa das pelles, para satisfazer á vaidade de suas mulheres e filhas. Quando os não compelle absoluta precisão passam dias inteiros a dormir, ou sentados melancolicamente n'alguma eminencia a observar as mudanças do mar e da atmosphaera, ou calculando as fadigas e riscos da caça. A vaidade, assim individual como nacional, parece ser a sua paixão mais forte; inaptos para avaliarem as vantagens dos outros,

tem para si que não ha povo que os iguale, nem gloria mais sublimada que o ser groelandezes. Os termos mais lisongeiros, que podem empregar a respeito de qualquer estrangeiro, são: — *É quasi tão bem criado como nós*, ou: *começa a ser um homem*, subentendendo um groelandez, porque na sua lingua não ha senão uma palavra para estes dois significados: o divertimento de que mais gostam é fazer arremedos e imitações exaggeradas dos estrangeiros, por escarneo. Ainda mesmo os que tem vindo á Dinamarca preferem os seus escalvados penhascos estereis a qualquer outro paiz, e por muito favor concedem que os europeus sejam tão felizes como elles, queixando-se de que *na côrte dinamarqueza não ha uma extensão de céu e mar sem limites, nem rasoavel gráu de frio!*

O supremo poder no Japão. — O monarcha de facto é chamado *Ziogun*; mas superior a elle ha o monarcha de jure, cujo titulo é *Mikado*. Este supremo soberano nominal pertende fundamentar o seu reinado em direito divino, como descendente de suas divindades em linha directa, estando com elle identificado o espirito da deidade do sol, que rege o universo, inclusos deuses e homens, porquanto segundo creem se encorpora em cada *Mistako* reinante. Tal pertençaõ ao poder despotico tem sido indisputavel, porem alguns seculos ha que o chefe militar, fazendo seu cargo hereditario, se apossou da auctoridade effectiva, com o titulo de *Ziogun*, como vice-rei e deputado pelo *Mikado*, a quem deixou a summa soberania nominal e todas as fazendas, pompas e dignidades inherentes, inclusivè um ministerio tambem em nome. Reputam que os negocios terrestres são indignos de occupar a attençaõ do successor dos deuses, que pensando nelles se profanaria: pelo que nenhum commettem ao seu exame, nem elle desempenha acto algum magestatico, que não tenha privativamente character religioso. Deifica ou canonisa os varões insignes, por morte; e o *Ziogun* toma o trabalho de lhe indicar os fallecidos que merecem as honras da apotheose: confere os logares da sua côrte, que é uma hierarchia regio-sacerdotal, e que por suas dignidade e santidade nominaes são, mesmo assim, alvos da ambição dos principes do imperio, dos ministros do *Ziogun*, e até deste. Determina os dias em que certas festas religiosas moveis se hão de celebrar, quaes são as côres proprias para os máus espiritos, e outras cousas semelhantes: diariamente pratica outro acto governativo [se tal lhe podêmos chamar] em virtude da sua particular identificação com a divindade do sol, patrona do soberano do Japão; e vem a ser que passa certo numero de horas do dia sentado no seu throno, immovel, por temor de que voltando a cabeça promovesse ruina áquella parte do imperio para onde olhasse e á outra de que apartasse a vista; e por esta immobilidade mantendo a paz e segurança de todo o estado: depois de estar sentado o numero d'horas requerido, resigna o logar na sua corôa, que fica sobre o throno o restante do dia e a noite inteira.

De todas as scenas que podem amaciar e humanisar o nosso coração nenhuma ha que tão certamente o consiga como a vista de innocentes creanças gozando da ventura que é propria e natural da sua idade.